

## **Cosmopolitismo à paulista: assimilação e ambiguidades nas primeiras décadas do século XX<sup>1</sup>**

Michelle Moreira BRAZ<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, SP

### **RESUMO**

As primeiras décadas do século XX marcam a cidade de São Paulo por um crescente fluxo imigratório e projetos de urbanização. Neste contexto, e a partir de um recorte midiático, o presente trabalho procura explicitar o processo de assimilação e ambiguidades do cosmopolitismo paulista, a polarização entre rural *versus* urbano, bem como a importação de hábitos estrangeiros pelas classes dirigentes justaposta a presença expressiva de imigrantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cosmopolitismo. Cidade de São Paulo. Modernismo. Imigração.

### **Introdução**

No século XX, e nas mais distintas áreas do conhecimento, a escala ascendente do fenômeno urbano – cidade, metrópole, megalópole - nunca foi tão discutida, reiterada e até mesmo exaurida. Muito já foi escrito sobre modernidade e modernização, geralmente “lacrados um em relação ao outro”<sup>3</sup>, e já sustentando a provocação de Berman: “o modernismo e a burguesia têm em comum mais coisas do que modernistas e burgueses gostariam de admitir”<sup>4</sup>.

Desde a Antiguidade, detectamos o fenômeno urbano, enquanto uma concentração de pessoas em determinado espaço e numa sociedade relativamente organizada em “leis e negócios”. Entretanto, somente no século XIX, a urbe galgará conotação de moderno. É nessa perspectiva que o cosmopolitismo entra novamente em cena: não mais como sinônimo de antinacionalismo, mas, como atributo para *ser moderno*, tanto no âmbito privado quanto público. Tal atributo persiste na atualidade.

Dessa maneira, e por certo labirinto teórico, procuramos caracterizar o processo de assimilação do cosmopolitismo na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, especialmente materializado, por exemplo, nas revistas modernistas e em estratégias

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela FAAC/Unesp e mestre em Comunicação Midiática pela mesma instituição. Atualmente é professora substituta do departamento de Comunicação Social Unesp/Bauru. E-mail: michellemoreirabraz@gmail.com.

<sup>3</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 87.

<sup>4</sup> Idem. p. 89.

publicitárias. Nesse caso, o inevitável modelo francês nos hábitos das classes dirigentes paulistas<sup>5</sup> estava justaposto, e não muito distante, da presença maciça de inúmeros contingentes imigrantes.

### “Paris-mundo”

No início do século XX, Paris era o paradigma da cidade moderna, tangenciando, por exemplo, inúmeras reformas urbanísticas e culturais na cidade de São Paulo, como também em várias capitais da América Latina. Na atualidade, Paris é uma das cinco capitais mais visitadas do mundo, aglomerando turistas afoitos por qualquer *souvenirs*; apontamentos para esse legado estão entrelaçados em vários registros, como no “arquivo de notas” de Walter Benjamin: “O Imperador e seu prefeito querem fazer de Paris a capital não somente da França, mas do mundo... O resultado será a Paris cosmopolita.”<sup>6</sup>

Outro exemplo do paradigma de cidade moderna é a fala de Genevoix<sup>7</sup>, protagonista da comédia *Maison neuve*, escrita pelo dramaturgo Victorien Sardou em 1866:

Hoje em dia, para andar a menor das excursões, é preciso andar milhas!... Uma calçada eterna que se estende a perder de vista! Uma árvore, um banco, um quiosque!... Uma árvore, um banco, um quiosque!... Uma árvore, um banco... E por cima disso tudo o sol! A poeira! A bagunça! A sujeira! Uma multidão de pessoas de todos os aspectos e tamanhos, cosmopolitas tagarelando em todas as línguas, enfeitados com todas as cores concebíveis. Nada resta das coisas que faziam do nosso velho pequeno mundo um mundo à parte; um mundo de sabedoria, juízo e refinamento, uma elite de imaginação e bom gosto. – O que estamos perdendo, por Deus? Tudo! Esta já não é mais Atenas, é a Babilônia! Não é a capital da França, mas da Europa! Uma maravilha, nunca veremos nada igual – um mundo! –, de acordo... Contudo, não é Paris e não existem mais parisienses.<sup>8</sup>

Mais do que satirizar os percalços para um pedestre, Genevoix enfoca o desconhecimento de sua cidade: uma Paris que era ao bel-prazer (somente) dos parisienses. E podemos questionar: quem seria mais estrangeiro? O imigrante que se muda para Paris num sonho, rapidamente desfeito, de que o trabalho na cidade lhe trará uma vida melhor; ou o nativo – que perante tanta novidade de povos e línguas – não se sente mais

<sup>5</sup> Esclarecemos que no início do século XX não havia uma distinção entre paulista e paulistano. Já que muitos membros da elite realizavam um vai-e-vem de moradias: a fazenda (interior), o palacete (capital) e os apartamentos/casas no exterior, sobretudo em Paris.

<sup>6</sup> Apud Duche e D’Espezel, *Histoire de Paris*, p. 404. In: BENJAMIM, Walter; BOLLE, Willi (org.). *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 173.

<sup>7</sup> Na cena em questão, dois sobrinhos questionam Genevoix com relação a sua resistência pela “nova Paris”, já que os jovens pensam em se mudar para o *boulevard* Malesherbes.

<sup>8</sup> Apud Victorien Sardou, *Maison neuve*, pp 281-2. In: CLARK, T. J. *A pintura da vida moderna – Paris na arte de Manet e de seus seguidores*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cia das letras, 2004. p. 82-83.

pertencente ao lugar que outrora reconhecia e admirava. Em similitude, no diário dos escritores Goncourt, de 1860, se manifestam o mesmo tom desesperançoso:

“Nossa Paris, a Paris onde nascemos, a Paris dos costumes de 1830 a 1848, está desaparecendo... Tudo isso faz com que eu me sinta, neste país que me é tão caro, como um viajante. Sou um estrangeiro para as coisas que estão chegando... A alma sente-se desconfortável com isso, como o homem que mora numa casa recém-construída.”<sup>9</sup>

A capital francesa realizou uma drástica transformação urbana angariada pelo prefeito Haussmann e seu parceiro, e cúmplice, Napoleão Bonaparte. Mas o projeto urbanístico, embora o mais evidente, não foi a única das transformações: a cidade atingiu a número de 1 milhão de habitantes (1870), expandiu seu parque industrial, além de alternar regimes políticos, entre monárquicos e republicanos. Entretanto, seria ingenuidade transformarmos Haussmann num herói da modernidade, ou dependendo do ceticismo, num bode expiatório. Como tão bem esclarece, e comprova, T. J. Clark, sempre e em distintas épocas tivemos registros do “desaparecimento” de Paris, “bem compreendida como uma fantasia, quase um desejo oculto, apesar de acompanhada muitas vezes pela angústia ou pelo medo”<sup>10</sup>. Todavia, e no decorrer do século XIX, o propósito de Haussmann, que foi muito bem-sucedido, era dar “forma à modernidade”, antecipando o que chamaremos de sociedade do consumo, pois “o horror supremo seria ter a modernidade, saber era odiosa, mas não saber o que ela era”<sup>11</sup>.

Nesse contexto, antes de ingressarmos nas acepções cosmopolitas de Paris pelo viés literário, é pertinente esmiuçarmos duas questões que, em certa medida, justificam uma gênese do cosmopolitismo moderno. Primeiro, e no âmbito econômico, a Revolução Industrial e a legitimação do capitalismo concretizaram a presença, e necessidade, de um mercado mundial. Isso fomentou, e de forma irreversível, que a “produção e consumo se tornassem cada vez mais internacionais e cosmopolitas”<sup>12</sup>. Tal modelo destruirá gradativamente mercados locais, forçando um número crescente de pessoas para a cidade a fim de trabalharem, sobretudo, em precárias indústrias. A partir disso, constata-se que

<sup>9</sup> Apud Edmond e Jules de Goncourt, *Mémoires de la vie littéraire*, p. 835. In: CLARK, T. J. *A pintura da vida moderna – Paris na arte de Manet e de seus seguidores*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cia das letras, 2004. p. 72.

<sup>10</sup> Idem. p. 115.

<sup>11</sup> Idem. p. 72.

<sup>12</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 89.

o capitalismo é um processo ambíguo: promove um aumento real da riqueza mas a distribui de modo desigual; permite o surgimento e a sobrevivência de populações maiores, porém dentro delas encara os homens apenas como produtores e consumidores, como seres que nada podem pedir à sociedade senão dentro de papéis abstratos.<sup>13</sup>

Nessa ambiguidade capitalista, Marx sintetiza que a sociedade burguesa, pela fachada do progresso, constrói para descartar ou, em sua máxima: “tudo o que é sólido desmancha no ar”<sup>14</sup>. A par disso, a relação apenas entre “produtores e consumidores” gera uma impessoalidade nas formas de negociação, sem mais constrangimentos ou riscos de uma venda “cara a cara”, já que o vendedor não precisa de uma reputação à prova. Dessa maneira, e tão palpável nas lojas de departamento, o consumidor, mais do que ser seduzido pela mercadoria, é convidado “a saborear a própria esperteza e mantê-la em silêncio – não pechinchar, mas procurar as pechinchas, não obter um roupa cortada sob medida, mas escolher uma que, de algum modo, ‘coubesse perfeitamente’ dentre as 54 saias-balão em exposição”<sup>15</sup>.

O formigamento de pessoas pelas ruas, a expansão dos transportes coletivos, a acessibilidade para os mais variados produtos – só por esses exemplos – são fatores que endossaram novas experiências, e sensibilidade, para a vida moderna. Nessa perspectiva, o espaço público, como emblema mais visível da modernidade, permite ao indivíduo ser palco e plateia. Realizar um assalto ou testemunhá-lo; ser um anônimo observador e, ao mesmo tempo, cúmplice das atividades de um desconhecido.

Marshall Berman, em seu ensaio sobre Charles Baudelaire, examina como o poeta soube aglutinar a complexidade da vida moderna, enaltecendo seus prazeres e desabores. Como investiga o ensaísta, temos, por exemplo, num poema como “Os olhos dos pobres”, um casal apaixonado que cruza olhares, e eis o mote do constrangimento, com uma família de miseráveis num *boulevard*. O espaço de “exibicionismo amoroso” compartilha, e se choca, com uma pobreza, agora, desmistificada. Entretanto, o problema não é tanto a condição dos famintos – afinal, a desigualdade social sempre existiu –, mas “que eles simplesmente não irão embora. Eles também querem um lugar sob a luz”<sup>16</sup>.

<sup>13</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade* – na História e na Literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p.118.

<sup>14</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.87-89.

<sup>15</sup> CLARK, T. J. *A pintura da vida moderna* – Paris na arte de Manet e de seus seguidores. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cia das letras, 2004. p. 101.

<sup>16</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 144-150.

Em paralelo, observa-se que a condição de estrangeiro na modernidade se aproxima dos personagens famigerados de poemas baudelaireanos. Em muitos casos, além de uma somatória agravante de imigração com pobreza, o estrangeiro importuna porque “ele também não irá embora”, ainda que isso seja velado socialmente. Nesse contexto, o cosmopolitismo promove o acesso de inúmeras culturas, na qual o mistério de “povos exóticos” se transforma numa experiência concreta na próxima esquina. Simultaneamente, esse fenômeno germina uma série de tensões sociais, já que o estrangeiro estaria “sob a luz” de um lugar que não lhe pertence. Assim, o cosmopolitismo afixa mais uma ambiguidade ao capitalismo: não só permite, como necessita, da internacionalização de produtos, porém quando o “câmbio” torna-se de seres humanos – faz vistas grossas – embora conceda desde que a “vantagem econômica” seja excedente em relação ao “custo social”.

Entretanto, e na obra *Vanguarda e Cosmopolitismo*, Jorge Schwartz<sup>17</sup> nos esclarece que o termo “cosmopolita”, o cidadão do mundo, não tem ares tão recentes quanto imaginamos. Segundo o autor, a primeira referência surge em 1560 pelo francês Guillaume Postel a fim de se caracterizar um “viajante erudito, que ensinava as línguas no tempo de Francisco I”<sup>18</sup>. E no final do mesmo século, o termo também já se encontra no *The Oxford English Dictionary* para caracterizar “cidadãos da mística universal”<sup>19</sup>.

Como podemos auferir, num primeiro momento, o termo designa essa capacidade “mística”, a virtude de uma cidadania universal, hábil na absorção de diversas culturas. Porém, com o processo de consolidação dos Estados e a legitimação de nações/pátrias, o cosmopolita será convertido em “aquele que não adota uma pátria” ou que “não é um bom cidadão”<sup>20</sup>.

Todavia, e graças à construção da cidade Paris no século XIX, a acepção retorna como atributo das cidades modernas – ora virtude, ora mazela – como podemos identificar em alguns literatos da época. Dessa maneira, e com a expansão da Revolução Industrial, era natural que as cidades aglomerassem um número progressivo de pessoas, mas isso não significava uma qualidade: “Londres não é mais do que uma grande cidade, uma

<sup>17</sup> Deve-se esclarecer que o autor investiga a acepção de cosmopolitismo “enquanto conversão desse fator histórico-social em escritura” (SCHWARTZ, 1983: 6). Isso difere dos objetivos dessa pesquisa: cerceamos a designação pela dimensão sociocultural, ou como diria Sevcenko, “através da cena social” e, no caso, na cidade de São Paulo da República Velha.

<sup>18</sup> Apud: Berveiller, Michel. *Le cosmopolitisme de Jorge Luis Borges*. In: SCHWARTZ, 1983: 5.

<sup>19</sup> SCHWARTZ, 1983: 6.

<sup>20</sup> Apud: Berveiller, Michel. *Le cosmopolitisme de Jorge Luis Borges*. In: SCHWARTZ, 1983: 6.

aglomeração enorme, o centro de um povo poderoso. Paris, por seu lado, é o lugar comum da vida moderna (...) é o centro do universo, o coração da humanidade”<sup>21</sup>.

Uma vez que a cidade “é a realização do antigo sonho humano do labirinto”<sup>22</sup>, modificações espaciais e temporais impregnam uma nova sensibilidade literária com relação ao fenômeno urbano. Em *Passagens*, Benjamin pontua como o “viver na metrópole” altera o modo de narrar: “na obra de Balzac, o número de figurantes chega a 500. Há 500 personagens que aparecem de forma episódica, sem estarem integradas na ação”<sup>23</sup>. Do mesmo modo, o romance policial se expande pelos folhetins, pois “a assimilação do literato à sociedade em que se encontrava se consumou no *boulevard*. Era no *boulevard* que ele tinha à disposição o primeiro incidente, chiste ou boato”.<sup>24</sup>

Nesse contexto, e por trás dessa cidade que se tornava “habitável” com a destruição de bairros, alargamentos de ruas e a presença dos *boulevards*, verificamos, pelo viés literário, uma conotação cosmopolita para a capital francesa.

A representação de Paris, no âmbito literário, também é analisada na obra *O imaginário da cidade*, na qual a autora, Sandra Pesavento, perpassa por diversos autores do século XIX. Nesse livro, destacamos três escritores – Mercier, Bretonne e Victor Hugo – que se debruçam sobre o fenômeno cosmopolita. Dessa maneira, um escritor “burguês diurno”<sup>25</sup> como Louis Sébastien Mercier descreve em seu livro *Tableau de Paris*:

Um homem em Paris, que saiba refletir, não tem necessidade de sair da cintura de seus muros para conhecer os homens de outros climas; ele pode chegar ao conhecimento inteiro do gênero humano, estudando os indivíduos que formigam nesta imensa capital. Aí se encontram os asiáticos (...) os lapões (...) os japoneses (...) os esquimós (...) os negros (...) os “quakers”. Aí se encontram as maneiras, os usos e o caráter dos povos mais longínquos.<sup>26</sup>

O escritor retrata Paris como uma possibilidade expansiva e acessível aos choques culturais. A multidão, que rapidamente agregou o elemento estrangeiro, permitem rapidamente que o mistério de terras distantes se desfaça. Para isso, bastaria observar o

<sup>21</sup> Apud: Rocanyolo, Marcel. Changements de l'espace urbaine. In: PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 112.

<sup>22</sup> BENJAMIM, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 1ª ed. São Paulo: Brasilense, 1994. (obras escolhidas, v III). p. 202.

<sup>23</sup> BENJAMIM, Walter; BOLLE, Willi (org.). *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 578.

<sup>24</sup> BENJAMIM, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 1ª ed. São Paulo: Brasilense, 1994. (obras escolhidas, v III). p. 25.

<sup>25</sup> PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 40.

<sup>26</sup> Idem.

formigamento desses indivíduos. Não por acaso, Mercier frequentemente associa Paris à “antiga e voluptuosa Babilônia”, na qual seus barulhos lembram a Torre de Babel<sup>27</sup>.

Se Mercier procura estudar o estrangeiro, Restif de la Bretonne condena sua presença, que, como nos explica Pesavento, é “ocasionada por seu forte nacionalismo”. Na obra *Les nuits de Paris*, o estrangeiro torna-se a síntese de todos os males da humanidade:

Outrora, havia nações! Hoje os homens não são mais que um vil apanhado de moleques, malfeitores saídos de sua região e que reuniram em cada cidade todos os vícios, e todas as doenças do universo! A varíola da Arábia, a lepra do Egito, o tétano da África (...) a crueldade dos romanos, a barbárie dos tártaros, a inconstância dos númidas, a grosseria dos batavos, a malandragem dos árabes vagabundos, a insaciabilidade dos canadenses, a estupidez da Califórnia, a avareza dos turcos, a perfídia dos algerianos, a superstição dos flamengos-brabantinos, eles reuniram tudo isto numa só cidade! Antigamente, quando tínhamos nações, cada país tinha o seu vício e suas qualidades, as qualidades se extinguíram, os vícios se fortificaram: em Paris, encontram-se neste instante os vícios de todo o universo.<sup>28</sup>

Já em Victor Hugo, certamente o mais otimista, Paris é um receptáculo atemporal, espécie de “espetáculo histórico”:

Porque Paris é um total! Paris é o teto do gênero humano. Toda esta prodigiosa cidade é uma síntese dos costumes mortos ou novos. Quem vê Paris crê ver toda a história. Paris tem um Capitólio, o Hotel de Ville, um Partenon, Notre dame, um Monte Aventino, o faubourg Saint Antoine, um Asinarium, a Sorbonne, o Panthéon, uma Via Sacra, o Boulevard des Italiens (...). Tudo aquilo que está lá fora está em Paris.<sup>29</sup>

Ainda que modestamente, e pela apresentação desses três fragmentos, inferimos como o cosmopolitismo nunca foi um consenso, ainda mais na sedutora “Paris-mundo” do século XIX. Todavia, isso não é um caráter exclusivo ao fenômeno. Entretanto, e certamente, a capital francesa foi estreada na polarização do mais alto grau de “civilização e progresso”, encarnada em seus projetos urbanísticos e práticas sanitaristas, ou seja, a construção simbólica da “cidade-luz”, “cidade-virtude”. E na mesma medida, até mais sobressalente aos olhos de seus habitantes, Paris concentrou a “selvageria e barbárie” – jogo, prostituição, miséria. Nesse balaio também ingressou o estrangeiro como mais um estigma dessa “cidade-vício”, Babilônia moderna. Isso se explica porque a metrópole, mito essencial da vida moderna, se transformou num “campo livre de signos e objetos expostos,

<sup>27</sup> Idem, p. 40-41.

<sup>28</sup> Idem, p. 43.

<sup>29</sup> Idem, p. 80.

uma massa negociável de imagens, uma área na qual as velhas delimitações ruíram para sempre”<sup>30</sup>. Por esse novo território, “o moderno, é o marginal; é a ambiguidade; é a mistura de classes e de classificações, é anomia e improvisação, é o reino da ilusão generalizada”<sup>31</sup>.

### **Cosmopolitismo à paulista**

Para ingressarmos no cosmopolitismo da cidade de São Paulo, um recurso valioso são os depoimentos de distintos moradores, tal como essa reclamação:

Se puder mandar-me algumas luvas do Rio mande porque aqui as que se vendem são de montar a cavalo – luvas inglesas – e são todas de M para cima quando eu calço F.

Enquanto às luvas agradeço-lhe muito, porque as que aqui há são de muito ruim pelica – ou antes de couro – e quando se recebe fica-se em dúvida se são para os pés ou se são as mãos – e além disso vendem-se pela ninharia de \$2600 rs. Para estalarem as costuras logo ao calçar-se, apesar de serem tão largas que, se em lugar de ser a minha mão fosse o Pão de Açúcar que se quisesse acomodar nelas, pouco lhe custaria o capricho.<sup>32</sup>

Este presente fragmento trata-se de uma carta de Álvares de Azevedo para sua mãe em meados do século XIX. Nascido em São Paulo, embora criado na Corte, o jovem estudante satiriza o provincianismo paulistano, incapaz de lhe prover um mero par de luvas. No mesmo itinerário, outro depoimento de um estudante de Direito, Emilio Zaluar, descreve em 1860 que a cidade de São Paulo é “monótona e, nos seus dias de festa, em vez do riso jovial e franco, é taciturna e reservada como uma beata que vai à missa das almas”<sup>33</sup>.

O historiador Alfonso de Freitas, um dos membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, nos revela que:

Ainda em 1852, não existiam propriamente hotéis em São Paulo, senão dois restaurantes, sem hospedagem: do Charles e do Fontaine, dois franceses que, com o sistema de fornecimento mercenário de comida, introduziram também em São Paulo, aquele desnecessário galicismo.<sup>34</sup>

<sup>30</sup> CLARK, T. J. *A pintura da vida moderna – Paris na arte de Manet e de seus seguidores*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cia das letras, 2004. p. 91-92.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Maria Paes Barros, op. cit. p. 2. In: BARBUY, Heloísa. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 200.

<sup>33</sup> BRUNO, Ernani. *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes/ 1553-1958*. São Paulo: Dep. do Patrimônio Histórico, 1981. (série Registros). p. 78.

<sup>34</sup> Afonso Freitas, *História e tradições da Cidade de São Paulo*. pp. cit. p.672. In: BARBUY, Heloísa. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 92.

No século XIX, observa-se a presença do estrangeiro na cidade de São Paulo, ainda que embrionária, promovendo, dessa maneira, um inchaço de produtos e seus respectivos lucros. Mais do que apenas possibilidades de compra, distintos núcleos estrangeiros legitimam novos hábitos. Por exemplo, e a partir de 1860, os moradores podiam tomar banho fora de casa na propriedade do húngaro José Fischer, a conhecida *Sereia Paulista*. Ou saborear um *chopp* numa das cervejarias alemãs – já que o *whisky* ainda não encantava muitos paulistas –, como o caso d’ *O Corvo*, na qual se reunia a elite intelectual da época. E para os mais afortunados, comprar algum relógio de parede, ou brincos para esposa, numas das joalherias inglesas que se instalavam na cidade.<sup>35</sup>

E, certamente, o grande destaque de produtos estrangeiros volta-se para o setor de vestuário, fomentando, uma “cultura da moda” inabalável na *Belle Époque* brasileira. Além da multiplicação de sapateiros italianos pela cidade, surgem as lojas de departamentos: *Casa Lebre*, *Casa Enxoval*, a *Preço Fixo*, *Casa Fretin* e a mais famosa, *Casa Alemã*. Nesse contexto, a Livraria *Garraux* até anunciava a possibilidade de assinatura dos principais jornais europeus, inclusive os de moda, tais como *Conseillur des dames*, *Magasin des demoiselles*, *Journal das dames*, *Elegant journal des tailleurs*<sup>36</sup>.

Se em terra de “cegueira comercial”, o estrangeiro torna-se rei, como era de se esperar, a publicidade utilizou fartamente esse encantamento cosmopolita. Eram frequentes anúncios, letreiros, tabuletas em duas ou mais línguas. Por exemplo, a casa de jóias *Paul Levy e Cia.* preparou, para o Natal de 1900, uma série de mensagens em distintas línguas: “Natal, Noël, Christmas, Weihnachten”. Obviamente, a estratégia era mais para que os paulistanos tivessem uma “imagem cosmopolita” da cidade, do que para um possível público-alvo de estrangeiros. Não à toa, e pelo abuso da estratégia, em 1914, o então prefeito Washington Luís proibiu essa prática: “à parte dos nomes próprios, todos os outros só poderiam figurar nas mensagens publicitárias se estivessem acompanhados de tradução para o vernáculo, que deveria estar bem visível, em caracteres maiores que os utilizados para os termos estrangeiros, sob pena de pagamento de uma taxa de mil réis anuais, além do imposto de publicidade, obrigatório a todos”<sup>37</sup>.

Uma vez que o cosmopolitismo em São Paulo surge pela esteira comercial, veiculando hábitos e produtos estrangeiros, teremos visivelmente – e de forma duradoura –

<sup>35</sup> Tais informações foram extraídas do capítulo “Os usos da cidade” (p. 91-214), na obra *A cidade-exposição*.

<sup>36</sup> Em *Revistas em Revista*, Ana Luiza Martins investiga a proliferação de revistas estrangeiras na São Paulo da Primeira República. Mais do que assinaturas de jornais e revistas estrangeiros, temos uma verdadeira avalanche de periódicos aos moldes franceses. (MARTINS, 2001: 69-96).

<sup>37</sup> *Idem*. 134-135.

a dominância dos padrões estrangeiros nos projetos urbanísticos de Antônio Prado<sup>38</sup>. Numa espécie de “Hausmann paulistano”, o prefeito que comandou a política da cidade por quatro mandatos seguidos (de 1899 a 1911) concretiza uma torrente de obras a fim de “modernizar” São Paulo. Tais reformas, realizadas nas primeiras décadas do século XX, almejaram rapidamente eliminar os traços coloniais da capital. Nesse projeto – também megalômano –, surgem os bairros-jardins, o alargamentos das ruas, a reforma do Triângulo e brotam prédios públicos monumentais. Ou seja, privilegiou-se a presença de uma área central com espaços e edificações de prestígio, “capazes de desempenhar – e representar – o poder, e dominação, local e regional.”<sup>39</sup> Por sinal, os projetos arquitetônicos eram mote de gozações nos jornais da época. Monteiro Lobato intitulou a façanha moderna de “carnaval arquitetônico”. Alcântara Machado também satirizou sua metrópole:

Tem todos os estilos possíveis e impossíveis. E todos eles brigando com o ambiente. (...) A preocupação dos governantes e governados é derrubar para fazer maior e mais bonito. O que é muito louvável sem dúvida. A questão porém é que esse bonito é sempre importado. Daí o desastre estético-urbano. Lembram-se de construir uma catedral. Mas a quem encomendam o projeto. A um alemão. E o alemão já surge com uma coisa em estilo gótico. E essa coisa é aceita e está sendo feita.<sup>40</sup>

Benedito Toledo, em sua análise pelo viés urbanístico, revela que “qualquer mapa da cidade de São Paulo de fins do século XIX ou início do XX, nos dá a impressão de inacabado”<sup>41</sup>. A cidade rapidamente deixava suas casas de taipa, e feições coloniais, para adentrar-se numa “epidemia da urbanização”. De um lado, e com uma fiscalização urbana ainda “modesta e simplória”, São Paulo crescia sem qualquer infra-estrutura, num ritmo desordenado. Por outro, essa ausência de planejamento gerava um “palimpsesto”<sup>42</sup> que raspa de tempos em tempos seus projetos urbanísticos. Ou como satiriza o autor: “ao contrário, de cidades onde podemos fazer uma ‘leitura’ de sua história nos edifícios, o crescimento de São Paulo se deu com o sacrifício de seu passado. Ao invés de construir ‘ao lado’, construiu-se ‘em cima’”<sup>43</sup>.

Em *O Palacete paulistano*, Maria Cecília Homem faz um extenso panorama de como os novos projetos arquitetônicos também se concretizaram no âmbito privado, no

<sup>38</sup> Antônio Prado, além de fazendeiro e líder empresarial, era de uma das famílias mais ricas de São Paulo.

<sup>39</sup> CAMPOS, Candido; GAMA, Lúcia Helena; SACHETTA, Vladimir. *São Paulo: metrópole em trânsito – Percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Senac, 2004.p. 72.

<sup>40</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 119.

<sup>41</sup> TOLEDO, Benedito. *São Paulo: três cidades em um século*. 4 ed.rev. São Paulo: Cosac Naify; Duas cidades, 2007. p.79.

<sup>42</sup> Idem. p. 77.

<sup>43</sup> Idem. p. 175.

caso em novos parâmetros de moradia e, obviamente, em mais uma estratégia de distinção por parte da elite. Se na São Paulo provinciana as habitações eram “relativamente homogêneas” em sua divisão de cômodos e funções, agora, se classificavam:

Num extremo passou a existir a chamada casa operária e o cortiço e, no outro, o palacete. A diferença principal entre elas residia no fato de que na casa de luxo não havia superexposição de luxos. Destinou-se um cômodo para cada função ou atividade, o que resultou em espaços específicos. A sofisticação acompanhava o supérfluo, notando-se o uso de termos franceses correntes nas plantas: *fumoir*, *office* (copa), *cabinet*, *toilette* etc, exceção feita ao vocábulo *hall*, de origem inglesa.<sup>44</sup>

Já o sociólogo José de Souza Martins enfatiza que essa familiaridade, e certa obsessão, aos modismos europeus não era apenas um “fingimento ou imitação gratuita” das classes dirigentes, e sim uma forma de pertencimento ao “mundo civilizado”. O café tornou-se um elo para trocas: proporcionou que rústicos fazendeiros galgassem fortunas até então inimagináveis, ao mesmo tempo, essa riqueza precisava “se materializar”. Afinal:

Não se pode exportar sem importar, vender sem comprar. (...) Não tinha sentido ganhar dinheiro francês e não comprar produtos e saberes franceses. Ou ganhar dinheiro inglês e não comprar produtos e saberes ingleses. E com as coisas, o modo das coisas e o modo de ser contido nas coisas. De fato, os grandes fazendeiros viviam num mundo em que a própria fazenda era um extensão da França, da Inglaterra, da Suíça, da Alemanha. O Brasil era apenas um território, um contorno dessa ilha cultural. Esse era um mundo à parte. Não se imitava. Era-se.<sup>45</sup>

É pertinente destacarmos que muitos desses políticos, e membros da elite financiadora de tais reformas, provinham do interior para a capital, geralmente através da riqueza cafeeira. Nesse contexto, as classes dirigentes tornavam-se “estrangeiras” em relação aos outros cidadãos paulistanos. Isso explica, em larga medida, por que inúmeros estrangeiros abastados se sentiam “em casa” quando visitavam São Paulo. Por exemplo, o francês Georges Clemenceau se impressiona, pois “era tão curiosamente francês em alguns aspectos e costumes, que durante uma semana inteira não tive uma só vez a sensação de estar no estrangeiro”<sup>46</sup>.

<sup>44</sup> HOMEM, Maria Cecília. *O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 125.

<sup>45</sup> MARTINS, José de Souza. “O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira”, p.210. In: HORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. vol 3.

<sup>46</sup> George Clemenceau, *South America To-Day*, p. 268. In: MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo – de comunidade à metrópole*. São Paulo: DIFEL, 1970.p.276.

Nesse contexto, verifica-se um duplo e conflitante estrangeirismo. O estrangeiro não estava apenas no imigrante com sua origem e língua desconhecidas, numa nova demografia em números ascendentes. A presença estrangeira também se encontrava numa elite profundamente, tanto em costumes quanto mentalidade, europeizadas. São Paulo tornava-se, em certa medida, uma espécie de anexo da Europa. Os vestígios da São Paulo “provinciana e monárquica” eram derrubadas às pressas para a construção de uma metrópole sem passado. Mas essa urgência não era exclusiva dos paulistas: “num certo sentido o brasileiro era passado. Não à toa que o caipira da literatura renasce do limbo da discriminação para erigir-se, de certo modo, em símbolo da nacionalidade para os paulistas da época. Era o que restava dos tempos que o Brasil era Brasil”<sup>47</sup>.

Como um receptor do modelo parisiense, a elite cafeeira também tramava em “dar forma à modernidade”. Todavia:

A artificialidade repentina e sem raízes da riqueza cafeeira, gerando uma metrópole complexa da noite para o dia, lançou as imaginações num vazio, em cujo âmago aspectos fragmentados das organizações metropolitanas europeias e americanas atuavam como catalisadores de uma vontade de ser, diante da qual as condições locais seriam antes como embaraços do que como a base e o fim de um empreendimento coletivo.<sup>48</sup>

Pelo fragmento de Sevcenko verifica-se o choque entre forma e história. A elite cafeeira, uma sociedade fortemente estamental que mal saíra do mundo da escravidão, deseja e arquiteta uma “metrópole”, porém e com “as condições locais”, São Paulo tornou-se um anexo - frágil e embaraçoso - da Europa. Richard Morse, em *Formação histórica de São Paulo*, esclarece como essa injeção de modernização ocasionava vários projetos urbanísticos e industriais capciosos, além de nada eficientes. Por exemplo, a virada do século já existiam propostas – “felizmente nunca postas em prática” – de implementação do metrô. Entretanto, tal projeto estava mais preocupado em servir “os abastados frequentadores do teatro nas suas idas ao Teatro Municipal”<sup>49</sup>, do que contribuir com a locomoção de trabalhadores.

Certamente, outro símbolo das contradições da São Paulo na Primeira República foi o automóvel. Desde o início, identificado como “brinquedo de ricos”, o veículo era a última forma de ostentação moderna. Entretanto:

<sup>47</sup> MARTINS, José de Souza. “O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira”, p.156. In: HORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. vol 3

<sup>48</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole* – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 113.

<sup>49</sup> MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo* – de comunidade à metrópole. São Paulo: DIFEL, 1970. p. 296.

Pouco viável no seu uso, em vista do estado deplorável da maior parte das ruas suburbanas e estradas (...)

Dada sua forma de introdução súbita e peculiar na cidade, duplamente aureolada pelo prestígio da mais moderna tecnologia européia e do mais vistoso objeto do consumo conspícuo, o automóvel passou a ser usado de forma a acentuar a sua mística a esse impor como uma moldura mecânica sofisticada de poder, mesmo na mão de choferes e empregados de companhia.<sup>50</sup>

Numa cidade asfaltada por macadame, madeira e pedrisco ou, na maioria dos casos, apenas com o chão batido, o automóvel, último objeto de luxo e de rápido prestígio, perpassa a cidade sem qualquer legislação, até porque os “motoristas ou eram ou estavam a serviço dos ricos e poderosos”<sup>51</sup>. O resultado é um número incontável de acidentes, como também constantes mortes. Sevcenko pontua várias campanhas em jornais que buscaram algum respaldo político e, em alguns editoriais, verifica-se um resumo da hierarquia política da capital paulistana: “Aos condutores de automóvel tudo é permitido. (...) Parece existir alguma falha em o nosso mecanismo administrativo-policial, por via da qual assim à sua ação, os membros daquela classe, que todos agem a seu talante, sem dar satisfações à coletividade.”<sup>52</sup>

Além do automóvel, a publicidade é um recurso para vislumbrarmos essa duplicidade entre tradição rural *versus* pretensão moderna. Na obra *A cidade como espetáculo*, Márcia Padilha radiografa os anúncios dos anos 20 em quatro nichos: “representação de progresso científico”, “era do maquinismo e da tecnologia”, “estilo de vida cosmopolita e metropolitano”, “ideal de ordem social inspirada no modelo da família burguesa”<sup>53</sup>. Pelos anúncios analisados na obra, observamos que é unânime o elemento automobilístico apresentar o termo “moderno”, até

sugeriam, aquela expectativa em torno da modernidade, que a associava a um consumo requintado que surgia como legitimação do status cosmopolita reivindicado por nossas elites afortunadas.

(adiante, ao descrever um comercial da *General Motors* na revista *Ariel* em 1928)

O automóvel é cosmopolita, “nem genuinamente europeu, nem tipicamente americano”, de estilo “internacional”, figurando em perfeita harmonia num ambiente de iluminação profusa e mágica, roupas elegantes e hábitos sofisticados.<sup>54</sup>

<sup>50</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole* – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 74.

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> “Os automóveis”, Editorial, *O Estado de S.Paulo*, 4 de dezembro de 1920. In: Idem. p. 76-77.

<sup>53</sup> PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo*: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001. p.105-106.

<sup>54</sup> Idem. p. 117-118.

Essa importação dos moldes estrangeiros, e as contradições resultantes, também ecoaram na esfera literária. O primeiro “tempo modernista” e seu fascínio pelas vanguardas europeias legitimaram o Brasil num contexto filosófico-estético-cultural do século XX. E tão emblemática, e reiterada, Semana de 22 pretendia captar o mundo da velocidade, da mecanização, as novas coordenadas que irrigaram o Brasil “recém-metrópole”. Mas, já no “segundo tempo” do movimento verificamos uma busca de modelos autônomos e formas autênticas para a estética nacional, o que acarretará em várias e (conhecidas) brigas e, conseqüentemente, nas ramificações do movimento.

Dessa maneira, e como nos esclarece tanto Lúcia Lippi como Francisco Alambert, se verificam três posicionamentos distintos dos modernistas e suas respectivas revistas/manifestos. Numa primeira ala, teremos os “verdeamarelos” que se caracterizaram por uma cultura xenófoba, ultranacionalista, reticente a qualquer influência, e elementos estéticos, dos estrangeiros. Dentro do grupo, encontraremos o movimento Anta, com caráter ainda mais ortodoxo, que se voltará aos “mitos fundadores, ao mito do tupi e a escolha da Anta como animal totêmico”<sup>55</sup>. A propósito, vários dos verde-amarelos participarão da Ação Integralista Brasileira (AIB - 1932), grupo político idealizado por Plínio Salgado, que se configurou pelos mesmos dogmas do nazi-fascismo. Já o segundo grupo, e numa espécie de “chave para se fugir ou não da influência subversiva diante das culturas alienígenas”<sup>56</sup>, teremos a Antropofagia. O caráter, e utopia, do movimento era a “deglutição”: se apropriar das influências europeias para um “canibalismo cultural”. Num trocadilho com a cultura inglesa, o dilema será “tupy ou not tupy, that is the question”, frase síntese de Oswald de Andrade sobre as propostas antropofágicas. A última vertente “pretende se incorporar ao todo”<sup>57</sup>. Embora não se constituísse um movimento, realizará inúmeras pesquisas sobre questões genuinamente brasileiras: folclore, música etc. Com destaque para os estudos de Mário de Andrade, essa via analítica fomentará mais tarde a construção do Serviço do Patrimônio Histórico.

Por esse panorama com tantas oposições e numa verdadeira queda-de-braço, São Paulo nas primeiras décadas do século XX polariza rural *versus* urbano, tradição *versus* modernidade. Articular, e modernizar, uma capital para o futuro, porém sem jamais esquecer seu passado heroico. Conseqüentemente, o cosmopolitismo paulista implicou

<sup>55</sup> LIPPI, Lúcia. “A questão nacional na Primeira República”. In: COSTA, Wilma; LORENZO; Helena (orgs.). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Unesp; Fapesp, 1997. p. 191.

<sup>56</sup> ALAMBERT, Francisco. *A semana de 22 – a aventura modernista no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1992. p. 75.

<sup>57</sup> LIPPI, Lúcia. “A questão nacional na Primeira República”. In: COSTA, Wilma; LORENZO; Helena (orgs.). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Unesp; Fapesp, 1997. p. 192.

numa teia de ambiguidades - ora problemáticas, ora risíveis. A poucos metros da leitora de revistas francesas sempre havia um galinheiro a serviço da família. O jovem que dirigia sem controle pela capital paulista também passava temporadas em sua fazenda de café, entre cavalos e ex-escravos, ou no apartamento de Paris, entre exposições e cabarés. A tão aclamada Semana de 22 teve, após algumas desavenças<sup>58</sup>, a presença da pianista Guiomar Novaes, que em respeito ao movimento apenas tocou Blanchet, Villa-Lobos e Debussy, porém, e na hora do bis, “a plateia pediu Chopin”<sup>59</sup>.

## REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Francisco. **A semana de 22** – a aventura modernista no Brasil. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1992.
- BARBUY, Heloísa. **A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- BENJAMIM, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas, v III).
- BENJAMIM, Walter; BOLLE, Willi (org.). **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- BRUNO, Ernani. **Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes/ 1553-1958**. São Paulo: Dep. do Patrimônio Histórico, 1981. (série Registros).
- CAMPOS, Candido; GAMA, Lúcia Helena; SACHETTA, Vladimir. **São Paulo: metrópole em trânsito** – Percursos urbanos e culturais. São Paulo: Senac, 2004.
- CLARK, T. J. **A pintura da vida moderna** – Paris na arte de Manet e de seus seguidores. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cia das letras, 2004.
- COSTA, Wilma; LORENZO, Helena (orgs.). **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Unesp; Fapesp, 1997.
- HOMEM, Maria Cecília. **O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo** – de comunidade à metrópole. São Paulo: DIFEL, 1970.
- PADILHA, Márcia. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20**. São Paulo: Annablume, 2001.
- PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole** – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- TOLEDO, Benedito. **São Paulo: três cidades em um século**. 4 ed.rev. São Paulo: Cosac Naify; Duas cidades, 2007.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade** – na História e na Literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

<sup>58</sup> No primeiro dia da Semana de 22 (em 13 de fevereiro), Ernani Braga executou a peça *D'Edriophthalma*, do francês Erik Satie. Entretanto, a obra constituía-se de uma sátira à *Marcha Fúnebre*, de Chopin. Ao saber do ocorrido, Guiomar Novaes, conhecida intérprete do compositor romântico, encaminhou um carta para o jornal *O Estado*, na qual declara seu “desacordo” com o “caráter bastante exclusivista e intolerante que assumiu a primeira festa da arte moderna”. In: GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922 – A semana que não terminou*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012. p. 309-310.

<sup>59</sup> Idem.